

RESENHAS

INFÂNCIA E MEMÓRIA *LÉXICO FAMILIAR E SONHOS DE TRANSGRESSÃO**

MIRIAM LIFCHITZ MOREIRA LEITE**

A leitura de dois romances, separados por 29 anos e por milhares de quilômetros revelou relações inovadoras entre a infância e a memória. O de 1963 é o *Léxico Familiar*, de Natália Ginzburg. Depois de escrever cinco romances em Turim, Itália, escreveu um livro sobre "lugares, fatos e pessoas reais e apenas com aquilo de que se lembrava." O de 1994, é *Sonhos de Transgressão* (Minha vida de menina num harém) de Fátima Mernissi, escrito em Rabat, no Marrocos, sobre o harém em que viveu em Fez, na década de 40.

Exatamente pela distância que separa as duas infâncias, pareceu surpreendente e sugestivo que as duas autoras tivessem trabalhado tão expressivamente com a memória das coisas e das palavras dentro das regras clássicas de lugares e de imagens. As duas descrevem o quadro coletivo e histórico onde se inserem as lembranças infantis, através das descobertas de um mundo que estão querendo compreender.

Natália Ginzburg pinta com largas pinceladas esse quadro:

* GINZBURG. Natália. *Léxico Familiar*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988. Trad.de Homero Freitas de Andrade; e MERNISSI. Fátima. *Sonhos de Transgressão. Minha vida de menina em um harém*. São Paulo, Companhia das Letras, 1996. Trad. de Carlos Sussekind. Esta resenha foi ecebida para publicação em maio de 1997.

** Coordenadora do Núcleo Interdisciplinar do Imaginário e da Memória da Universidade de São Paulo. Autora de livros e artigos sobre história das mulheres, área em que atua desde 1976.

Infância e memória ...

O fascismo não estava com cara de acabar logo. Aliás, não está com cara de acabar nunca. Em Bagnole de l'Orne os irmãos Roselli tinham sido mortos. Há anos Turim estava cheio de judeus alemães, fugidos da Alemanha. Até meu pai, em seu laboratório, tinha alguns, como assistentes. Eram os sem pátria. Talvez, dentro em pouco, nós também seríamos uns sem pátria, obrigados a andar de um lugar para o outro, de uma delegacia para outra, sem trabalho e sem raízes, sem família e sem casa.

Fátima Mernissi dilui o quadro de referência histórica pelas discussões ouvidas no salão dos homens e em notícias clandestinas de rádio que confundem, em seus cinco anos, o significado de lugares, religiões e crenças.

A escravidão predominara no Marrocos em princípios do século, mesmo depois de os franceses terem-na tomado ilegal e muitas co-esposas haviam sido compradas no mercado de escravos." (...) "O rádio e os homens falavam de "uma nova geração de cristãos (...) os alemães, que estavam dando uma surra nos franceses e ingleses (...) Aparentemente, o motivo para as reuniões na mesquita, às sextas feiras era religioso, mas todos, inclusive os franceses, sabiam que muitas decisões políticas importantes do Conselho Municipal eram tomadas ali e naqueles dias (...). Os alemães prepararam secretamente um tremendo exército... e um belo dia invadiram a França. Dominaram Paris, a capital francesa, e começaram a dar ordens às pessoas exatamente como os franceses faziam conosco em Fez. Mas nós ainda tivemos sorte porque pelo menos os franceses

não apreciavam nossa medina, a cidade de nossos antepassados, e construíram a Ville Nouvelle para uso deles. Os misteriosos alemães não perseguiram apenas os franceses, entretanto; também haviam declarado guerra aos judeus.

Muitas das informações sobre palavras e coisas são dadas pelas avós, por tias recolhidas ao harém e por escravas em diferentes momentos, em Fez e arredores. Transparecem também por impressões pessoais, por vezes contraditórias do pensamento dos membros da família e da professora.

Nos dois romances o contato das gerações e com os subalternos são uma fonte procurada de conhecimento que ilumina e amplia o lugar ocupado. Nem sempre o contato direto, mas em consequência de comoções ou verbalizações percebidas e mal compreendidas.

Longe de ser uma sucessão cronológica de acontecimentos, as memórias da criança italiana e da marroquina abrangem poemas, narrativas, canções e cenas, fragmentos da vida cotidiana entremeados pelo que chamaríamos de análise do discurso.

Desde o título, Natália Ginzburg focaliza o Léxico criado pelo pai e pela mãe com expressões nascidas nas mais diversas circunstâncias e que passam a constituir uma forma particular de comunicação e solidariedade através das quais toda a família se identifica. Fátima Mernissi detém-se no que poderíamos chamar de palavras-chave de seu universo: fronteira sagrada, harém, guerra, amor e morte.

Infelizmente, a leitura feita em traduções para o português, do italiano e do árabe, vai perdendo pelo caminho as conotações das palavras e expressões da língua de origem. Mas o que resta é ainda instigante para a compreensão dos processos da memória e do pensamento. Houve, também, um

distanciamento diferente de cada um dos livros. A família judia-italiana de Natália Ginzburg, com suas amigas exiladas e seus amigos socialistas está muito mais próxima da leitora que o harém onde viveu a menina marroquina. Exatamente por isso, este exerce uma atração muito maior, pela surpresa diante das diversidades culturais, pelas semelhanças e pelo desenvolvimento cognitivo da criança. A maior identificação com a primeira tende a dar por supostos os traços comuns, enquanto a curiosidade despertada pela segunda contribui para a intensidade da atenção às minúcias e aos rituais do cotidiano.

Os recortes lingüísticos, antes de uma sedimentação da experiência, recobrem-se de uma fina sensibilidade resultante de uma identificação sem barreiras com o outro (ou outra) que lhe transmite imagens reveladoras. A memória toma líricas as expressões grotescas e os pesadelos vividos criando um quadro poético dos interiores e exteriores aos muros que limitam os espaços da infância.

Examinados menos como expressões artísticas e mais como produtos da necessidade de exprimir integralmente universos vividos, as duas infâncias apresentam-se com uma aceitação de comportamentos e idéias contraditórias, justapondo-as pontualmente, sem avaliá-las. O mundo que lhes parecia estar definido e terminado ao chegar com suas manifestações de desejar compreendê-lo vai confundindo-as com os múltiplos sentidos das coisas, das palavras e dos comportamentos.

Ainda que a liberdade aparente para sair de casa seja maior, no caso da menina italiana, para as duas o interior do espaço vivido e seu exterior são colocados como territórios muito bem delimitados por muros, portões, corredores, jardins e horários. O território onde se vive, a casa ou o harém é um universo fechado a que cada um dos membros da família reage

de maneira diferente, descobrindo meios de sair e outros de como se ocupar em seu interior.

A casa da rua Pastrengo era muito grande. Tinha dez ou doze cômodos, um quintal, um jardim e uma varanda envidraçada que dava para o jardim; era muito escura e certamente úmida, pois num inverno, no banheiro, brotaram dois ou três cogumelos.

Eu só tinha permissão de pisar naquele pátio de manhã, depois que mamãe houvesse acordado, o que significava que das seis às oito não podia fazer nenhum barulho com as minhas brincadeiras. Podia, se quizesse, sentar-me à fria soleira de mármore branco, mas nem pensar em juntar-me a meus primos mais velhos que a essa hora já se divertiam no pátio (...) punha minha almofadinha na soleira da entrada e brincava de "passear sentada", um jogo que inventei e que ainda hoje me parece bastante útil. Bastam três coisas para jogá-lo. A primeira é estarmos num lugar de onde não podemos sair, a segunda é ter onde sentar e a terceira é nos encontrarmos num estado de espírito de grande humildade, a partir do qual aceitamos que nosso tempo não vale absolutamente nada. O jogo consiste em contemplar os arredores que nos são familiares como se nos fossem estranhos.

As duas autoras reproduzem essa redução a um contexto único e totalizante em que as crianças articulam e rearticulam as descobertas por montagens sucessivas e descontínuas de observações e imitações. Convertem e combinam o corriqueiro e o insólito de maneira a lhes emprestar um novo viço.

Infância e memória ...

As expressões ouvidas "mil vezes" na casa de Natália são lembradas por tênues vislumbres e estilhaços do que viu e ouviu nas histórias da família, dos amigos, dos vizinhos e das várias casas, contadas por sua mãe. Como ela diz:

Somos cinco irmãos. Moramos em cidades diferentes, alguns de nós estão no exterior: e não nos correspondemos com freqüência. Quando nos encontramos, podemos ser, um com o outro, indiferentes ou distraídos. Mas, entre nós, basta uma palavra, uma frase: uma daquelas frases antigas, ouvidas e repetidas infinitas vezes, no tempo de nossa infância. Basta nos dizer: "Não viemos a Bérghamo para nos divertir" ou "A Alemanha não é mais aquela" para restabelecer de imediato nossas antigas relações, nossa infância e juventude, ligadas indissolivelmente a essas frases, a essas palavras. Uma dessas frases ou palavras faria com que, nós irmãos, nos reconhecêssemos uns aos outros, na escuridão de uma gruta, entre milhões de pessoas. Essas frases são o nosso latim, o vocabulário de nossos tempos idos, são como os hieróglifos dos egípcios... o testemunho de um núcleo vital que deixou de existir, mas que sobrevive em seus textos, salvos da fúria das águas, da corrupção do tempo. Essas frases são o fundamento de nossa unidade familiar, que subsistirá enquanto estivermos no mundo, recriando-se e ressuscitando nos mais diferentes pontos do planeta, quando um de nós disser - "lustre senhor Lipmann" - e logo ressoar em nossos ouvidos a voz impaciente de meu pai: - "Parem com essa história! Eu já ouvi isso mais de mil vezes!"

E o contar mil vezes liga-se às *Mil e Uma noites*, contada e recontada à menina marroquina, como história fundante de reação das mulheres árabes ao domínio autoritário dos homens, contrariando os desígnios do Alcorão.

As confusões entre verdade e mentira, para a menina Natália provinham mais do clima político de refugiados socialistas e fugitivos do fascismo que às vezes se abrigavam na casa e das explicações sumárias que recebia da mãe.

A menina Fátima vivia em outro clima. O nacionalismo da família refletia-se na monogamia masculina dos pais, ao contrário da poligamia dos avôs e num ténue feminismo importado de líderes dos direitos das mulheres egípcias e libanesas.

Os sonhos de transgressão das mulheres do harém, como os da mãe e irmã de Natália eram sair para fora dos muros, havendo registro da alegria da mãe italiana com uma casa térrea, de onde podia sair à rua sem chapéu, sem ter de descer escadas e atravessar pátios. Apesar da aspereza dos estrilos do pai, as normas da casa italiana eram muito mais elásticas e as restrições bem mais suaves.

Fátima, hoje uma conhecida socióloga da Universidade de Rabat, dividiu seus capítulos por belas fotografias das fronteiras que a preocupavam: portas e portões altíssimos, grades em arabescos, pátios internos, acortinados de renda, corredores, escadas e janelas envidraçadas que davam para o pátio. Vultos de costas povoam as cenas em trajes tradicionais, em obediência às leis sagradas que proíbem a reprodução da imagem divina.

Essas imagens reforçam a sugestão da interiorização da vida daquelas mulheres que sonham sair pelo portão ou criar fugas reais ou imaginárias em seus bordados ou como projetos de vida de suas filhas.

Infância e memória ...

Nesse interior rigorosamente dividido por regras, a menina Fátima foi educada aprendendo que ser uma muçulmana significava respeitar as fronteiras sagradas. Até certo momento, que ela considera de felicidade, essas fronteiras eram claras. Até perceber as dificuldades para distinguir a verdade da mentira quando as fronteiras sagradas passaram a confundi-la.

Ouvia de sua mãe que Alá fez todos iguais e se devia recusar a superioridade masculina e que era preciso aprender a gritar e protestar. E, se as palavras podiam salvar uma pessoa que soubesse juntá-las com arte, como no caso de Scherezade das *Mil e Uma Noites*, elas podiam também prejudicar muito a pessoa quando escapavam sem que se pensasse demoradamente nelas.

Embora os adultos insistissem para que as crianças usassem palavras precisas, foi percebendo que cada palavra podia ter diferentes significados, como o termo harém, que provocava reações explosivas no pátio, quando se procurava saber direito o que era. A avó tradicionalista dizia que se as mulheres não fossem separadas dos homens, a sociedade não avançaria e nenhum trabalho seria feito, os homens parariam de trabalhar porque iriam querer se divertir.

As crianças percebiam vagamente que aquela explicação tinha a ver com sexo. Sem ser tratado claramente, o sexo era uma presença intensa no harém, na linguagem e no comportamento de alguns de seus membros. Muito mais explícita que na casa italiana da menina Natália, se bem que tanto ela como a menina marroquina só tenham tomado consciência das diferenças entre homens e mulheres quando seus companheiros masculinos de brinquedo começaram a diferenciar seus interesses. Numa casa de poucos recursos e de extrema austeridade de costumes, a menina italiana vai tomar consciência da distância que a separa de seu companheiro de brinquedo

quando ele manifesta uma fixação por trens e se desinteressa do que acontece ao seu redor.

Às preocupações da menina marroquina com o que era falso e verdadeiro, a avó materna explicou que alguns fatos eram as duas coisas e outros nenhuma delas. "As palavras são como cebolas. Quanto mais camadas você retira, mais significados aparecem". Diante da multiplicidade dos significados, o certo e o errado podem perder a importância. Explicava, por exemplo, que não havia necessidade de muros, na zona rural, pois o harém estava interiorizado. Os muros invisíveis do harém eram suficientes para demarcar as fronteiras sagradas entre homens e mulheres.

Natália descreve nas mulheres da casa um interesse acentuado por roupas e passeios, restritos pela situação econômica e pelas normas familiares. Na narrativa da menina marroquina, onde as restrições econômicas são suplantadas por religiosas e políticas, as roupas como todos os demais rituais da vida cotidiana eram mais regulamentados e as transgressões reivindicavam transformações muito pequenas, que somente se impunham através das gerações.

Apesar da descrição de revolta feminista no harém marroquino, tentando reivindicar a igualdade com que Alá criara homens e mulheres, vive-se um clima de grande sensualidade. Existe um balneário onde as mulheres cuidam da pele, dos cabelos, do rosto e do corpo com aplicação e assiduidade, desenvolvendo conhecimentos de métodos secretos e de encantamentos para provocar e manter o amor dos homens. A frequência a esse balneário de mulheres e crianças amplia a fronteira, separando os homens e até expulsando o companheiro de brinquedos de Fátima, quando uma das mulheres percebe nele "um olhar de homem".

Nos dois livros, as mães procuram despertar no interior das meninas, uma outra capaz de sobreviver no exterior da casa,

Infância e memória ...

por histórias repetidas muitas e muitas vezes para aprender a sair de dentro de si mesmas e aprender a não ter medo.

Você vai transformar este mundo, não vai? Você vai criar um planeta sem muros e sem fronteiras, onde os porteiros tenham folga todos os dias do ano.

As duas meninas foram.